



**INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE MÚSICA
BACHARELADO EM MÚSICA**

EUSENICE GRISOSTRE PEREIRA

AS DIVERSAS CORES DE UMA MULHER NEGRA

Porto Alegre, 2019

CIP - Catalogação na Publicação

Grisostre Pereira, Eusenice
As diversas cores de uma mulher negra / Eusenice
Grisostre Pereira. -- 2019.
52 f.
Orientadora: Isabel Nogueira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Música: Música Popular, Porto
Alegre, BR-RS, 2019.

1. Compositoras . 2. Interpretes. 3. Negras. 4.
Produção Fonográfica. 5. Trajetória Musical. I.
Nogueira, Isabel, orient. II. Título.

EUSENICE GRISOSTRE PEREIRA

AS DIVERSAS CORES DE UMA MULHER NEGRA

Trabalho de Conclusão de Curso em Música Popular apresentado ao Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Música.

Orientadora: Dr^a Isabel Nogueira

Porto Alegre, 2019

Eusenice Grisostre Pereira

AS DIVERSAS CORES DE UMA MULHER NEGRA

Trabalho de Conclusão de Curso em Música Popular apresentado ao Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Música.

Trabalho aprovado em

Profª Drª Isabel Nogueira - UFRGS (Orientadora)

Profª Drª Luciana Prass

Prof. Me. Jean Presser

Porto Alegre, 2019

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão a Deus pelo dom da vida e por me permitir viver esse momento tão sonhado.

Aos meus pais, Augusta Pereira e Raimundo Pereira, por todo apoio e incentivo durante toda minha trajetória, por estarem sempre juntos.

Aos meus irmãos Pollyanna, Helen e Igor por me motivar sempre e não me deixar desistir. Obrigada, família, por não reclamar das horas intermináveis de ensaio e nunca ter feito nenhuma queixa, nenhum pedido de silêncio.

Aos meus cunhados e cunhada Roger, Edison e Jaqueline pelo incentivo.

As irmãs que a vida me trouxe: Ingrid, Eula e Rubia, obrigada pelo apoio em abrir a casa de vocês para que eu pudesse descansar na correria que a faculdade proporciona.

Aos meus colegas por toda ajuda para realização do processo de gravação, por dispor do tempo que é tão precioso sem pedir nada em troca, obrigada pela parceria. Gilberto Oliveira, com todo conhecimento e experiência, obrigada pela paciência e por dispor do tempo para os ensaios e os dias de gravação. Andressa Ferreira, obrigada por contribuir para que esse trabalho resgatasse o som que veio com os nossos ancestrais lá da África através da percussão. Tamiris Duarte, minha gratidão por encontrar um tempo na agenda para estar junto, fiquei em paz quando você disse “vamos fazer isso acontecer”, muito obrigada.

Angelo Primon, obrigada pela direção de estúdio e por todo tempo dedicado, você sempre disse que era um apoio moral, após finalizado o trabalho que foi mais que isso, contar com você com toda sua experiência profissional foi incrível. Amanda Oliveira, que bom te encontrar pelo caminho dentro da academia, fizemos uma boa dupla, obrigado pela paciência e a disposição para os ensaios para construção do som. Felipe, que maravilha ter você junto nesse trabalho, me animava cada vez que falava com você e percebia tua empolgação e empenho para essa gravação.

Aos professores pelas palavras de ânimo, em especial ao Jean Presser que no início do curso me disse "você não vai repetir essa disciplina, vamos lá, vai para o próximo semestre e força porque você consegue", obrigada por acreditar no meu potencial. Luciana Prass, obrigada por falar da nossa música brasileira com tanto entusiasmo na disciplina de MPB.

Minha orientadora, professora Isabel Nogueira, obrigada pela companhia desde as provas específicas, momento que foi tenso para mim, as disciplinas de Prática Musical Coletiva, Iniciação à Pesquisa e finalmente o tão temido Trabalho de Conclusão de Curso.

Obrigada por estar nessa conclusão junto comigo, por sugerir o tema que eu amei, foi maravilhoso conhecer tantas compositoras e intérpretes negras e também analisar minha trajetória enquanto cantora negra. Posso dizer que foi um ano intenso, de muitas descobertas pessoais e profissionais, mais uma vez obrigada.

Quando comecei a escrita dos agradecimentos percebi como sou agraciada por ter tanta gente maravilhosa ao meu lado nessa caminhada. Obrigado a todos vocês que deixaram um pedacinho de vocês em mim e com certeza levarão um pedacinho meu. Agradeço novamente a Deus por viver tudo isso com vocês.

RESUMO

Este trabalho trata de reflexões sobre a interpretação de canções, buscando compreender minha trajetória como cantora e os procedimentos realizados para a elaboração de um álbum de canções de compositoras negras, onde sou intérprete e faço a direção musical com o auxílio de colegas.

Busco analisar minha trajetória musical como cantora e mulher negra, bem como minhas referências musicais. Através das canções pretendo provocar reflexões e comunicar ancestralidade.

Palavras chave: Trajetória musical, compositoras e intérpretes negras, produção fonográfica.

ABSTRACT

This work deals with reflections on interpretation of songs, seeking to understand my trajectory as a singer and the procedures performed for the elaboration of a song album by black women composers, where I am the performer and I conduct the musical direction with help of colleagues.

I aim to analyze my musical trajectory as a singer and black woman, as well as my musical references. Through the songs I intend to induce reflections and communicate ancestry.

Key words: Musical trajectory, black women composers, black women performers, phonographic production.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Violonista: Gilberto Oliveira. Foto: Angelo Primon	33
Figura 2 – Voz: Eusenice Pereira Foto: Angelo Primon	34
Figura 3 – Baterista: Felipe Chambers	35
Figura 4 – Técnico: Felipe Magrinelli. Percussionista: Andressa Ferreira. Foto: Angelo Primon	36
Figura 5 – Percussionista: Andressa Ferreira Foto: Angelo Primon	37
Figura 6 – Violonista: Gilberto Oliveira	38
Figura 7 – Pianista: Amanda Oliveira. Foto: Angelo Primon	39
Figura 8 – Voz: Eusenice Pereira. Piano: Amanda Oliveira. Foto: Angelo Primon	40
Figura 9 – Contrabaixista: Tamiris Duarte. Técnico: Cassiano Dalago. Foto: Eusenice Pereira	41
Figura 10 – Técnico: Cristiano Ferreira e Guitarrista: Gilberto Oliveira. Foto: Estúdio Soma	42
Figura 11 – Voz: Eusenice Pereira. Foto: Angelo Primon	43
Figura 12 – Técnico: Cristiano Ferreira. Foto: Angelo Primon	44

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 CAPÍTULO 1	14
2.1 QUAL O LUGAR OCUPADO PELA MULHER NEGRA?.....	14
3 CAPÍTULO 2	14
3.1 MEU LUGAR COMO INTERPRETE	14
3.2 A ESCOLHA DAS MÚSICAS	15
4 CAPÍTULO 3	30
4.1 PRÉ PRODUÇÃO	30
4.2 O PROCESSO DE PRODUÇÃO.....	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
6 FICHA TÉCNICA	47
REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

Sou natural de Bocaiúva no norte de Minas Gerais, nascida em uma família simples, onde meus pais iniciaram a vida profissional nas lavouras de cana de açúcar. Com a esperança de oferecer um futuro melhor para seus filhos, migraram para a capital do estado, onde exerciam diversas funções profissionais como: servente de pedreiro, faxineiro, gerente de padaria.

Apesar de todos os desafios profissionais enfrentados por meus pais durante nossa infância, eu e meus irmãos Pollyanna, Helen e Igor tivemos uma infância morando em uma casa simples, cedida na chácara do nosso Vô Estrela e a Vó Lourdes, chamados assim carinhosamente por nós, pois não eram nossos avós biológicos, mas de coração.

Porém, não nos faltou o básico para um desenvolvimento saudável, nos períodos que não estávamos no colégio com certeza estávamos correndo pela chácara, brincando de subir em árvores e os outros brinquedos que fazíamos, porque comprar não era possível, não tínhamos dinheiro para isso. Fazíamos nossa patinete de madeira, carrinho de rolimã. Durante as tardes, eu dividia o tempo entre brincar na rua e cantar em alto e bom som as músicas que meu pai me ensinava para cantar na igreja.

Era perceptível meu interesse pela música, iniciei cantando em grupos infantis na igreja. Não tinha iniciado a alfabetização e já arriscava cantar sozinha, principalmente nas festividades de natal e outras datas comemorativas. Além da música eu gostava de recitar algumas poesias. Mesmo sem saber ler, escolhia várias e quase enlouquecia minha mãe para me ensinar, porque precisava decorar todas as poesias, músicas e, até a data da apresentação, não me importava em ir para os ensaios e passar horas, principalmente nos ensaios finais em que já tínhamos a ordem da apresentação. Eu teria que esperar por bastante tempo até ensaiar todas as minhas participações.

O meu pai me ensinava as pequenas canções, algumas do cancionário cristão, e o meu ensaio era normalmente sem acompanhamento instrumental, porque como era uma criança, os músicos não iriam dedicar um tempo para ensaios e poderiam tranquilamente acompanhar sem ensaio pois as músicas já eram conhecidas de todos.

O fato de não ter televisão em casa fazia com que eu dividisse o tempo entre as brincadeiras com amigos e ouvindo os mais diversos LPs de música cristã. Passava horas sentada perto da vitrola trocando e virando os discos. Alguns eu pegava emprestado de algum amigo da família, ao Jorge eu pedia o disco instrumental de guitarra do músico evangélico Djanir, costumava passar várias horas ouvindo esse LP. Em casa tínhamos outro LP

instrumental que também me encantava e ouvia várias vezes por dia, da Banda da Assembleia de Deus de Cordovil.

Percebendo esse meu interesse, aos seis anos meu pai me deu o LP da cantora infantil Keila (Pingo de Gente) e foi uma alegria imensa! Este disco não saía do meu toca-discos, queria aprender todas as músicas o quanto antes para cantar logo na igreja. Após esse, ganhei outros da cantora infantil Sandrinha. Ambas eram cantoras infantis evangélicas e foi para mim uma grande empolgação, afinal eram crianças como eu, mas que já tinham discos gravados. Eu nem imaginava que uma coisa assim poderia existir, e por um longo período cantei as músicas desses LPs.

As férias do colégio eram esperadas com entusiasmo porque sempre viajavamos para o interior, para a casa dos meus avós em Engenheiro Navarro em Minas Gerais. Essa era a época do ano que eu amava porque sabia que iria cantar em várias reuniões na igreja, meus tios tinham maior orgulho da sobrinha cantora e faziam questão de me levar para as reuniões realizadas nas casas e nos cultos nos templos.

Foi assim até que aos 14 anos, quando nos mudamos para Porto Alegre no Rio Grande do Sul. Novamente meu pai estava em busca de oferecer para os filhos melhores condições de vida. Estava empolgada com as novidades, o jeito de falar do gaúcho e os dizeres que são diferentes do jeito mineiro, as novas amizades.

O novo, apesar de assustar também me fascina, só que fazer novos amigos não foi uma tarefa fácil nessa nova cidade. Mesmo participando de uma igreja, onde havia grupos de adolescentes, o que novamente proporcionou uma melhor aproximação desses grupos foi a música: cantei nos grupos vocais na igreja.

No ambiente cristão onde cresci existe uma imensa possibilidade de estilos musicais, gêneros variados e, por um período, eu cantei o que era comum aos adolescentes e jovens da minha faixa etária, música pentecostal, sertaneja, rock, MPB, todas com temáticas cristãs.

Comecei a cantar com playback, porque era difícil conseguir algum músico disponível para ensaiar e, na igreja, era a maneira como normalmente resolvíamos essa falta de músicos para acompanhamento. No início da minha adolescência, aos 12 anos, foi um momento que comecei a pensar que queria ser cantora, porém até conseguir realizar esse desejo passaram-se 18 anos: eu precisava de preparo técnico, e melhores condições financeiras para dar continuidade ao estudo e obter novas oportunidades.

Essas preferências musicais foram mudando e na fase adulta eram completamente diferente: o sertanejo e o rock já não faziam parte das minhas escolhas para interpretar, no

lugar delas eu passei a cantar músicas do hinário e outras que estivessem mais próximas da música erudita.

Nessa época, eu achava que a melhor maneira de estudar a técnica vocal era quando trabalhava elementos utilizados para cantar músicas eruditas, sendo assim, iniciei aos 17 anos meus estudos de técnica vocal com a Prof^a Noemi Oliveira Terra Dias.

Minha primeira experiência com gravação em estúdio foi gravar com o cantor Daniel Regis Cavalcante a música “Jogem as redes no mar”. Lembro-me da felicidade e o nervosismo que fiquei na primeira vez que entrei no estúdio para gravar. No ano de 1999 participei interpretando três músicas do hinário no CD Unidos com Daniel Cavalcanti e Quarteto Rocha Eterna.

Nessa época eu não tinha entendimento de todo trabalho e dedicação que exige a produção fonográfica, que vai desde a escolha das músicas até a prensagem do CD. Essa experiência da participação no CD do Daniel Cavalcanti contribuiu para o início do aprendizado, para quando chegasse a hora de gravar o meu CD solo.

Iniciei em 2009 o processo de produção do meu primeiro CD solo de músicas gospel com o título “Perto de Ti”, no qual interpreto músicas do Hinário e do compositor Erico Belisário da Silva. A alegria era imensa!

No ensino médio resolvi fazer um teste vocacional e foi aí que descobri que existia graduação em música. Pronto, já sabia o que eu queria como profissão! Mas eu não imaginava como seria longo e difícil o caminho até a realização desse sonho. Para iniciar era preciso estudar teoria musical e técnica vocal, foi aí que encontrei a primeira barreira: precisei parar diversas vezes por falta de condições financeiras para custear as aulas, precisei protelar por várias vezes o ingresso na graduação de música.

Em 2007 resolvi iniciar o curso de Musicoterapia, um curso diurno em uma instituição particular. Apesar de gostar muito do curso, percebi que seria difícil porque precisava trabalhar. Então, em 2008, interrompi o curso de Musicoterapia e ingressei no curso técnico em Música na mesma instituição, pois este era um curso noturno e eu poderia trabalhar durante o dia para custear as despesas.

Neste período estudei técnica vocal com a Prof.^a Ruth Kratochvil, período no qual a maior parte do repertório obrigatório do curso era música erudita. Trabalhei todo repertório do curso buscando aprender como executar melhor as árias, os *lieds*, os musicais, entre outros estilos. Esse estudo influencia até hoje o meu cantar e a interpretação musical.

Finalizei o curso Técnico em Música em 2011. Em 2013 ingressei no Coro Sinfônico da OSPA, período de grande aprendizado e novas descobertas. No mesmo ano prestei o

primeiro vestibular na UFMG e não fui aprovada. Fui então em busca de um curso preparatório e encontrei uma instituição que oferecia curso pré-vestibular popular, onde me preparei. Em 2015 prestei novamente vestibular na UFRGS para o curso de Música Popular, sendo finalmente aprovada. A notícia mais esperada!

Analisando o caminho percorrido até aqui percebo que fiz a escolha certa, escrever sobre essa caminhada tem sido emocionante e em alguns momentos preciso parar a escrita porque as lágrimas me vêm aos olhos. Esse é um momento que espero há muito tempo, concluir uma graduação em música.

Este trabalho apresenta o processo de produção de um álbum com canções de compositoras negras, e está estruturado da seguinte forma: o capítulo 1 descreve a falta de referência de mulheres negras na minha trajetória; o capítulo 2 relata minha trajetória como intérprete e a escolha das músicas; o capítulo 3 discorre sobre o processo de pré-produção e gravação das músicas.

2 CAPÍTULO 1

2.1 QUAL O LUGAR OCUPADO PELA MULHER NEGRA?

A decisão de fazer o trabalho sobre compositoras e intérpretes negras veio também da vontade de poder contar e cantar sobre minha trajetória através da música, e o desejo que temos em ver nosso trabalho reconhecido, assim como vem acontecendo. As músicas escolhidas refletem parte do meu sentimento como cantora negra.

Morando no estado do Rio Grande do Sul, onde é possível observar muitos descendentes europeus com sua cultura bem forte entre a população gaúcha, percebi que população negra existente não tem visibilidade e muitas vezes também não tem oportunidades.

Ao iniciar a escrita desse trabalho de conclusão de curso, compreendi melhor a importância da representatividade para nós, negros no Brasil. Compreendi que essa falta ao longo da minha trajetória como cantora pode não ter sido por acaso, mas sim uma maneira estruturada há muito tempo para silenciar a população negra, fazendo com que o negro tenha maior dificuldade para acessar muitos lugares na sociedade.

Tentar diluir o debate sobre raça analisando apenas a classe social é uma saída de emergência permanentemente utilizada, embora todos os mapas que comparem a situação de trabalhadores negros e brancos, nos últimos vinte anos, explicitem que entre os explorados, entre os pobres, os negros encontram um déficit muito maior em todas as dimensões da vida, na saúde, na educação, no trabalho. A pobreza tem cor, qualquer brasileiro minimamente informado foi exposto a essa afirmação, mas não é conveniente considerá-la. Assim o jargão repetitivo é que o problema limita-se à classe social. Com certeza este dado é importante, mas não é só isso (BENTO, 2002)

Entre as diversas lutas protagonizadas pelo movimento negro no Brasil está a igualdade de oportunidades. As ações afirmativas existem com o propósito de diminuir as desigualdades socioeconômicas e educacionais entre a população, desigualdade esta existente como resultado de um longo período de escravidão no Brasil. As ações afirmativas vêm com o intuito de reparar esse longo período em que os negros não tiveram acesso ao ensino na universidade, proporcionando assim o aumento de ingresso de afrodescendentes a universidade e transformar as epistemologias vigentes na academia.

Na Universidade Federal do Rio Grande dos Sul as ações afirmativas tiveram início em 2008 com a reserva de 30% das vagas para auto declarados negros e estudantes de escolas públicas, iniciando assim o “processo de democratização e ressignificação do ensino superior no Brasil”. O início do processo de reservas de vagas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul tinha como base a escolaridade, essa deveria ser oriundos de escolas públicas, e depois de constatado isso o aluno poderia se auto declarar negro. Sendo esses alunos de escolas públicas, 15% dessas vagas eram para os alunos que combinassem as duas opções.

As reservas de vagas eram um assunto recorrente para o movimento negro nos debates a favor das cotas raciais promovidos pelos alunos, professores e funcionários da Universidade Federal do Rio Grande do Sul junto ao movimento negro e indígenas que tomou forma em 2005. Através do programa de extensão Conexão de saberes em 2006, os alunos foram a todas as unidades realizando um levantamento e reforçando os debates iniciados no ano anterior. No mesmo ano é criada a Comissão Especial com membros do CONSUN (Conselho Universitário) e do CEPE (conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão), que tinham como objetivo a construção de uma política de reserva de vagas.

Com a sanção da Lei Federal N° 12.711, em 2012, a lei das cotas, fica decretado que todas universidades federais devem ter uma reserva de vagas. Na UFRGS, o percentual de vagas reservadas passou a ser de 50% e houve o aumento de modalidades, não somente estudantes negros e de escola pública foram incluídos, mas também alunos autodeclarados pardos e indígenas, totalizando oito modalidades, com fatores que se combinam entre si. E a partir de 2018, uma novidade: a reserva de vagas para pessoas com deficiência, conforme lei sancionada em dezembro de 2016 (Lei N° 13409) (NEGRI, 2018).

Uma intensa vigília em frente à reitoria fez com que a Comissão especial e o reitor José Carlos Ferraz Hennemann aprovassem a proposta de reserva de cotas com o início imediato no vestibular de janeiro de 2008.

O Programa de Ações Afirmativas da UFRGS tem como objetivo ampliar o acesso de grupos sub-representados no ensino superior em todos os cursos de graduação da Universidade, redimensionando teorias e metodologias acadêmicas na produção de conhecimento; promovendo um espaço plural que contemple diferentes trajetórias; buscando garantir a permanência dos alunos ingressantes por esse sistema, por meio de programas de bolsas, ampliação de vagas de moradia estudantil e aumento do acervo bibliográfico, entre outras ações (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2019/21)

Mesmo com todo esse avanço através das ações afirmativas, ainda é pequeno o número de mulheres negras no curso de música popular: na turma de 2015, a única cantora negra sou eu, diante do vasto número de mulheres negras existente na sociedade e que muitas vezes deixam de lado o sonho de se tornar uma cantora, devido às condições de vida que não

são favoráveis a realização desse sonho, afinal muitas mulheres precisam cuidar de suas famílias sozinhas, outras se tornam mães ainda na adolescência, impossibilitando assim o desenvolvimento pessoal em várias áreas da vida.

Provavelmente esse pequeno número seja devido à falta de oportunidades muitas vezes financeiras para custear o estudo que antecede para o preparo para as provas específicas de instrumento realizadas antes do vestibular. Na turma de 2015 é possível notar a presença de uma única mulher negra no curso de música popular. Acredito que na sociedade existam muitas outras que talvez queiram realizar o sonho de se graduar em música, mas devido às poucas condições financeiras esse sonho é protelado, em alguns casos abandonado definitivamente.

Mesmo com a reserva de vagas na universidade através das ações afirmativas, ainda podemos observar a necessidade de melhorar o acesso do ensino da música nas séries que antecedem o processo do vestibular.

Nos diversos locais em que atuo como professora de canto, preparadora vocal, cantora, aluna, grupos musicais, coros que participei, observo pouca representatividade negra. Esses ainda são lugares pouco acessados pelos negros e as explicações que já ouvi são variadas como: “não é lugar para preto e pobre”, “não tenho condições financeiras para ir nesses locais porque são lugares de ricos”. Algumas vezes que convidei amigos para me assistir, ouvi que eles não iriam, pois era um local muito especial e que eles não poderiam estar lá.

No texto sobre racismo e sexismo na cultura brasileira, Lélia Gonzalez narra um episódio em que um grupo de negros é convidado para um evento realizado sobre um livro que falava dos negros, e durante o evento uma negra foi chamada para responder uma pergunta e decidiu falar mais do que foi solicitado. A partir da resposta se iniciou uma confusão, porque *o que ela tinha que reclamar?* Situações como está ainda são observadas em alguns momentos, quando um negro é convidado para qualquer festa onde terão pessoas das mais diversas esferas da sociedade, já ouvi de alguns familiares que precisam ficar quietos e se comportar bem, afinal “ele é negro e está em um lugar que normalmente não é para ele, não pode fazer feio”.

Posso dizer que em nenhum momento da vida pensei que não poderia ir a algum local por causa da minha origem étnica, apesar de toda história vivida pelos negros. Nascida em uma família de origem pobre, a questão racial não era assunto frequente em casa, o que sempre ouvi foi que precisávamos lutar por nossas realizações pessoais e profissionais. Porém fora de casa à realidade normalmente é outra bem diferente, nunca ouvi xingamentos por ser negra como às vezes é mostrado na mídia, em que pessoas por se acharem melhores por serem

brancas pensam estar no direito de tratar de maneira pejorativa um negro, porém conforme diz Djamilia Ribeiro no livro *Quem tem medo do feminismo negro*:

Racismo é um sistema de opressão que visa negar direitos a um grupo, que cria uma ideologia de opressão a ele (RIBEIRO, 2018)

A autora fala sobre racismo existente ainda nos dias atuais e como ele impede o negro de acessar os locais na sociedade.

Esse tema era algo completamente desconhecido dos meus familiares, o entendimento de racismo limitava-se às cenas que vemos de pessoas sendo maltratadas em público por qualquer pessoa que acha ser melhor pelo fato de ser branco(a), agora consigo compreender melhor que isso é apenas a exteriorização do sentimento existente há muito tempo na sociedade. Que antes dessa fala existe o agir de maneira imperceptível, às vezes porque está tão enraizado na sociedade que nem é reconhecido como racismo

Diante dessa realidade vivida pelos negros por muitos anos, é comum ouvir falas que tratam os negros de forma pejorativa mesmo que muitas das vezes em tom de brincadeira, isso está entranhado na sociedade a ponto de acharem normais e sem maldade nenhuma, afinal sempre foi assim “Se o serviço não sai bom é porque é serviço de negão”, “Não vai fazer coisa de negão”, quando uma negra dá uma resposta que não agrada o ouvinte é possível ainda ouvir “Que negra mais desafortada, tem resposta pra tudo”. Situações parecidas também são relatadas por Djamilia.

É muito comum ouvir xingamentos do tipo “Que negra metida”, “Essa negra se acha” ou “Quem essa negra pensa que é? quando saímos do lugar que a sociedade acha que é nosso (RIBEIRO, 2018).

Como se ao negro fosse proibido falar, como se ele tivesse que aceitar tudo calado. A isso podemos associar o que Grada Kilomba narra em seu artigo “A máscara do silenciamento”¹: os negros viviam com uma espécie de máscara egípcia, isso impedia o negro não só de comer mas também de se expressar verbalmente. “A máscara re-cria este projeto de silenciamento, ela controla a possibilidade de que o colonizados(as) possam um dia ser ouvidos(as) e, conseqüentemente, possam pertencer” (KILOMBA, 2010).

¹ *A máscara do silenciamento* foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de trezentos anos. Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito Negro, instalado entre a língua e a mandíbula e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa. Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores brancos para evitar que africanos/as escravizados/as comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar tanto de mudez quanto de tortura.

Hoje as máscaras existem de maneiras disfarçadas: não encontramos negros com uma antiga máscara de ferro na boca, mas encontramos poucos negros em locais onde poderiam ser ouvidos por muita gente, esses lugares não estão acessíveis.

[...] o que poderia o sujeito Negro dizer se ela ou ele não tivesse sua boca selada? E o que o sujeito branco teria que ouvir? Existe um medo apreensivo de que, se o (a) colonizado (a) falar, o (a) colonizador (a) terá que ouvir e seria forçado (a) a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades do “Outro”. Verdades que têm sido negadas, reprimidas e mantidas guardadas, como segredo (KILOMBA, 2010).

Todo esse processo vivido por várias gerações contribuiu para que os negros negassem suas origens, afinal o que valia na sociedade era o ser (branco) e ao ver o homem branco europeu ser colocado como exemplo em todos os lugares da sociedade o negro passou a querer ser igual, a ponto de negar completamente sua origem. Ainda hoje encontramos negros que não se declaram como tal.

Na verdade quando se estuda o branqueamento constata-se que foi um processo inventado e mantido pela elite branca brasileira, embora apontado por essa mesma elite como um problema do negro (BENTO, 2002).

Sobre esse processo de branqueamento Maria Aparecida Silva Bento nos diz que:

É frequentemente considerado como um problema do negro, que descontente e desconfortável com sua condição de negro, procura identificar-se como branco, miscigenar-se com ele para diluir suas características raciais (BENTO, 2002).

No primeiro momento que ouvimos falas como estas, costumamos concordar, mas muitas vezes não compreendemos o que de fato existe por trás de um discurso como este que nos explica Bento. Esse processo iniciou logo a após a assinatura da Lei Áurea, que tornava os escravos seres livres, porém com a maioria da população do país negra, ex-escravizados e sem estudos, que tipo de país teria? Diante disso, iniciou-se então o processo de branqueamento do Brasil com a intenção de tornar o país em sua maioria branco (BENTO, 2002)

O fato que o europeu foi sempre apresentado como modelo universal a ser seguido, e dentro da sociedade brasileira os seus descendentes sempre ocuparam os melhores lugares, mostra a construção de um lugar de privilégios.

A branquitude é um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos, objetivo, isto é, materiais palpáveis que colaboram para construção social e reprodução do preconceito racial, discriminação racial “injusta” e racismo (SILVA, 2011/10).

As desigualdades sociais e raciais são encontradas em outras áreas dentro da sociedade, como no mercado de trabalho. É conhecida a distância existente entre negros e brancos no que diz respeito à posição profissional, e essa distância aumenta ainda mais quando falamos de raça e gênero. Quando falamos de mulher negra, então, o espaço diminui um pouco mais.

Isso se dá devido à história de vida que por décadas foi destinadas às mulheres. Para muitas mulheres brancas era permitido o aprendizado da música, principalmente o estudo do piano, já para muitas mulheres negras isso não era nem de longe um sonho.

Uma mulher negra terá experiências distintas de uma mulher branca por conta de sua localização social, vai experimentar gênero de outra forma (RIBEIRO; CARNEIRO, 2019).

Durante a história, é do nosso conhecimento que enquanto mulheres brancas lutavam para ter direitos reconhecidos, mulheres negras lutavam para serem reconhecidas como seres humanos.

Em 1973 foi o período que as feministas negras começaram escrever sobre o tema, porém bem antes disso Djamilia Ribeiro nos fala sobre o discurso proferido em 1851 por Sojourner Truth na Convenção dos Direitos das Mulheres em Ohio, no qual ela já nos falava sobre essa luta da mulher negra: "Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregá-las quando atravessam um lamaçal, e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou eu uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros, e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou eu uma mulher? Consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e aguentei as chicotadas! Não sou eu uma mulher? Pari cinco filhos, e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou eu uma mulher?"

Nos dias atuais, também as desigualdades raciais e sociais são encontradas em diferentes áreas da sociedade, e podemos incluir aí o acesso ao ensino da música.

Apesar de toda contribuição trazida pelos negros para a música brasileira, para muitas crianças negras esse acesso só é possível através de projetos sociais, o que dificulta bastante o aprendizado, visto que o número de projetos existentes é pouco em relação ao grande número de crianças.

Invocar o conceito de igualdade quando, concretamente, é a desigualdade que verifica é se omitir da responsabilidade de lutar por uma sociedade mais justa (RIBEIRO, 2018).

Desejo então, com minhas reflexões, contribuir não apenas para compreender minha própria trajetória e meus processos artísticos e vivenciais, mas também para os questionamentos que podem levar a uma sociedade mais justa e igualitária.

A partir desse entendimento compreendi melhor porque por um longo período me faltou interesse de conhecer quem eram os compositores que eu cantava. Não havia essa preocupação, afinal não existia a representação de mulheres negras.

Os diferentes retornos auferidos pelas mulheres de uma luta que se pretende universalizante tornava insustentável o não reconhecimento do peso do racismo e da discriminação racial nos processos de seleção e alocação da mão de obra feminina, posto que as desigualdades se mantêm mesmo quando controladas as condições educacionais (CARNEIRO, 2003).

A falta que sinto de cantoras e intérpretes negras nas minhas influências musicais ao longo da minha trajetória pode ser também explicada através do processo de branquitude e branqueamento existente na sociedade até os dias atuais. Bento (2002) explica que esse processo foi “inventado e mantido pela elite branca brasileira”, além disso, existe também a “construção negativa da imagem do negro em que prejudica sua autoestima e destrói sua identidade racial”.

Diante dessas definições tenho uma melhor compreensão sobre a falta de intérpretes e mulheres negras como referências na minha trajetória musical, pois durante um longo período foi negado ao negro um lugar na sociedade e o reconhecimento dos seus trabalhos, entre eles a música; apesar das enormes influências musicais vindas para o Brasil através dos africanos.

A partir disso consigo compreender melhor a falta que sinto de compositoras e intérpretes negras nas minhas influências musicais, porque entre os intérpretes evangélicos e uma parte da música desenvolvida dentro desse meio, existe forte influência europeia.

Acredito que devido a esse convívio, por um longo período eu escutava e até acreditei que música boa era somente as que tinham características próximas dos compositores europeus (Mozart, Bethoven, Händell etc.). Com isso eu esquecia a influência que veio para o Brasil, com o povo africano e seus ritmos contribuindo fortemente para criar o que hoje chamamos de música brasileira.

Para mim era comum notar a falta de mulheres negras em outros segmentos da sociedade e dentro no meio artístico musical, onde muitas vezes é oferecido o lugar de cantora para a mulher. Por essa razão, por um período da minha trajetória musical, buscar por

compositoras não era algo que eu me preocupasse e falando em mulheres negras jamais imaginei essa possibilidade, acredito que essa vivência tenha sido pelo fato de que na maioria das vezes me eram apresentados compositores homens.

3 CAPÍTULO 2

3.1 MEU LUGAR COMO INTÉRPRETE

A decisão de realizar a produção fonográfica para o Trabalho de Conclusão de Curso me proporcionou a observação de quais eram minhas referências musicais durante minha trajetória como intérprete, para assim escolher qual seria a temática desse trabalho: decidi cantar músicas de compositoras e intérpretes negras.

Analisando minhas referências musicais até o momento, percebi que entre as várias escolhas ao longo do caminho como intérprete em nenhum momento me preocupei em saber sobre as compositoras e intérpretes negras. Resolvi então compreender porque não tive esse interesse antes.

Percebi que esse tema não é abordado com frequência. Durante todo o esse período até o momento como intérprete lembro-me de ver este tema em pauta no IV semestre do curso de música popular, na disciplina de Prática Musical Coletiva ministrada pela Prof. Isabel Nogueira, que sempre buscava a reflexão sobre as compositoras e intérpretes e também destacava a origem étnica dessas mulheres. Foi a partir disso que comecei observar minhas referências musicais e decidi compreender porque compositoras e intérpretes negras não estavam entre minhas referências musicais.

Apesar da falta de referências étnico raciais dentre as minhas referências, posso dizer que esse caminho de construção musical foi muito valioso. Tive a oportunidade de aprender com grandes professores como cuidar melhor da minha voz, como ser melhor no que faço, ser intérprete. Por muito tempo minha atenção estava voltada somente para uma boa emissão da voz, sendo que o resultado que eu buscava focado exclusivamente na voz estava em um conjunto de ações. Nas disciplinas de Análise da Canção Popular e Práticas Coletivas de Canto Popular com a prof. Caroline Abreu ampliei o conhecimento para o contexto geral de uma performance, passei a observar melhor o que preciso trabalhar, não somente em relação a voz, mas também como artista performando.

Comecei a perceber as vozes de outra forma, transformando a minha performance vocal e a minha atuação como professora, focando em uma escuta interna, explorando nuances a partir do movimento, da percepção de micro-movimentos da respiração, do mapeamento constante dos articuladores da voz e da ação muscular no corpo em cada emissão. Não se trata só de um ganho na percepção, a partir da consciência de como esses sons são produzidos, mas de uma escuta da voz a partir

de uma aceitação da mutabilidade do corpo. Entender a partir da experiência do corpo, as possibilidades de ação da voz, e descobrir de que maneira a voz é capaz de criar outros corpos. A exploração vocal é uma experiência de descoberta do prazer que novas emissões vocais possibilitam. Esse prazer se manifesta em termos de sensações físicas de ressonância e de movimento, e como um campo imaginário, a partir do qual passado, presente e futuro tornam-se camadas da experiência (BRANDES, 2019).

Compreendi que cantar vai muito além de emitir notas certas, cantar é uma maneira de tocar o ouvinte, e pensando nisso busco para cada canção interpretada a maneira como quero tocar as pessoas. Em algumas músicas quero através da minha voz dar um abraço em quem me ouve, para que isso seja possível foi necessário um estudo além de técnica vocal. Sigo buscando o aperfeiçoamento através do estudo da performance, aprendi a observar melhor o corpo que produz a voz e como fazer isso. Segundo BRANDES (2019 *apud* VARGENS, 2013), “a voz é uma construção a cada momento que se materializa, que se corporifica em formas de ondas sonoras”.

Procurar novas vozes é permitir que novas personas sejam elaboradas e percebidas. É soar através do mesmo corpo, de modos diferentes, e possibilitar que outras vozes passem através, também de um modo intencional (BRANDES, 2019).

A possibilidade de estudar música popular tem me levado a procurar novas vozes para o que tenho me permitido cantar. A cada novo desafio percebo que essa nova voz depende de vários fatores como: o estilo musical, o gênero, a ocasião e o que de fato eu quero dizer com a canção escolhida. Até o momento improvisação musical era um trabalho distante que eu achava lindo, porém não arriscava, ainda tenho receio de arriscar, mas a cada dia isso vem se tornando mais próximo. A vontade de encontrar as novas vozes que Brandes nos diz tem me levado, mesmo com receio, a aulas de improvisação musical além das que são obrigatórias no curso de música popular, como a “oficina de improvisação para um canto criativo” com a Lívia Nestrovski e os materiais indicados por amigos.

3.2 A ESCOLHA DAS MÚSICAS

Para a realização deste trabalho escolhi cinco músicas de compositoras e intérpretes negras da atualidade no cenário musical brasileiro. Dentre as diversas músicas que ouvi, escolhi duas músicas da compositora e cantora Ludjie Luna (**Um corpo no mundo, Asas**), duas músicas da compositora e cantora Paola Kirst (**Inverno** Letra: Carlos Medeiros / Música: Paola Kirst e Marcelo Vaz, **Crendice** Letra: Paola Kirst / Música: Paola Kirst e

Dionísio Souza) e uma música (**Vias de fato**, compositor Kiko Dinucci) interpretada por Juçara Marçal. As escolhas foram feitas a partir da definição do tema do trabalho.

*Crendice*¹ foi escolhida porque me fez lembrar que quando criança ouvia os mais velhos contarem sobre as várias crenças populares - não somente isso mas também porque na inocência de criança eu acreditava em várias delas. É interessante perceber como as crenças estão presentes na vida da população brasileira. **Durante o preparo para a gravação da voz nessa música, busquei em minha memória a entonação usada pelas pessoas quando me diziam “menina corta a laranja direito, assim não vai nem se casar” com a intenção de reproduzir.**

(Letra: Paola Kirst / Música: Paola Kirst e Dionísio Souza)

Um gato preto cruzou minha frente

Me olhou diferente que treta vai dar?

Quem sou eu nesse disse-me-diz botar fé em crendice popular?

Menina corta a laranja direito!

Assim não vai nem se casar

Deve sair inteirinha essa casca

Deixa eu te ajudar ! –

Menina corta a laranja direito!

Assim não vai nem se casar, hein

Deve sair inteirinha essa casca Eu hein, xô azar !

¹Crendice (<https://www.youtube.com/channel/UCA011jP7E2qHKPf5jiovt5w>)

A música *Asas* me faz refletir sobre minha trajetória como cantora, a composição me encantou desde o primeiro momento que ouvi. Gravamos todos os instrumentos e a voz foi a última a ser gravada, foi feito um único take de voz e deixei assim porque durante os ensaios já havia decidido como queria a voz suave, buscando deixar claro que cantar sobre a força do vento me faz pensar que o que preciso para seguir está dentro de mim, só preciso me permitir ser guiada pelo vento.

Asas

(Luedji Luna)

Vento vem me trazer boas novas

Que eu sempre esperei ouvir

Vento vem me contar os segredos

De chuva, raio e trovão

Vento que me venta da cabeça aos pés

E eu me rendo

Vento que me leva onde quero ir

E onde não quero

Para que te quero, asas?

Se eu tenho ventania dentro

Eu fiz até uma tempestade

Rodei no céu, na imensidão

Vento vem me mostrar qual a força

Que tenho para seguir
Ventania é senhora, eu sei
E foi lá bem alto que eu vi
Inunda que é da água que faz brotar
Inunda que a água lava

Para que te quero, asas?
Se eu tenho ventania dentro
Eu fiz até uma tempestade
Rodei no céu, na imensidão.

*Vias de fato*¹ para mim é aquela música que resume a trajetória musical para alcançar os objetivos dentro desse universo musical. Foi preciso percorrer muitas vezes no breu que a vida apresenta e mesmo assim não desistir, passar por caminhos que não indicavam que chegaria à universidade e menos ainda concluindo um curso de graduação em música.

Normalmente observo bastante a letra da música para assim começar a pensar como quero a voz. Busco cantar com a alma. Na gravação da música *Vias de fato* esse mergulho foi tão intenso que durante a gravação precisei de muito controle para que a emoção não atrapalhasse o resultado esperado. Como fizemos uma gravação direta de voz e violão, em um momento da música a voz ficou embargada e das três gravações que fizemos escolhi para estar no trabalho a que melhor controlei essa emoção, porque assim teríamos menos trabalho durante a edição e mixagem.

Iniciamos o trabalho de gravação com essa música e toda emoção vivida nesse dia veio dos caminhos percorridos, das várias vezes em que precisei aceitar um emprego que não era o que queria, mas precisava seguir no caminho para alcançar meu objetivo que era fazer a graduação em música. Eram trabalhos dignos, tais como em linha de produção numa fábrica de produtos perecíveis, empregada doméstica, vendedora, mas meu coração estava focado em seu objetivo de fazer música e eu precisei percorrer esses caminhos para chegar até aqui. A ideia inicial era violão e voz, depois de gravada senti a necessidade de acrescentar uma guitarra em contraponto com a voz e o violão.

¹Vias de Fato (<https://www.youtube.com/watch?v=6070XGaUw48>)

Vias de Fato (Douglas Germano, Edu Batata e Kiko Dinucci)

Linha reta, caminhar sem saber onde vai dar

No breu sigo só

E o corpo no espaço é bom

Me alimento desse breu

Já nem sinto quem sou eu

Noturno, fugaz

Já não sei se sou capaz de parar

Bifurcação, entroncamento, contramão

São ruas sem fim

Vias de fato aos pés de quem

Desrespeitou sinais e atravessou ileso

Decidiu flutuar, quis se plantar de peso

Quando a noite cansar e a luz brotar à esmo

Sigo o meu caminhar, nunca amanheço o mesmo

Quando conheci a música *Um corpo no mundo*¹ não tive dúvida de que ela deveria estar no meu trabalho de conclusão do curso de música popular. A música fala da trajetória feita pelos meus antepassados, que muitos chegaram apenas com uma mala de mão e que ainda nos dias atuais vemos essa cena se repetir pelo diversos povos no mundo, e no Brasil pelos Haitianos, senegaleses e tantos outros. Nos faz refletir sobre o risco que nós negros somos submetidos todos os dias independente da escolaridade, da posição social que ocupa, trazendo uma pergunta muito relevante nos dias atuais “**E a palavra amor, cadê?**”. Durante os ensaios dessa música pensei que a melhor maneira para essa interpretação seria iniciar com suavidade na voz contando essa trajetória, porque ter que deixar sua terra deixando família e

¹Um corpo no mundo: <https://www.youtube.com/channel/UCaLmDMn4wJHNjBYfJ7n1TZg>

tudo que possuí e embarcar para um lugar desconhecido e contra sua vontade para mim não é algo possível de se cantar com alegria. Ao final da canção, deixei a voz mais aberta como uma interrogação de cobrança, porque muito falamos em amor, cuidado com próximo, mas não é exatamente o que vemos no dia a dia, principalmente em relação à população negra.

Um Corpo no Mundo

Luedji Luna

Atravessei o mar

Um sol da América do Sul me guia

Trago uma mala de mão

Dentro uma oração

Um adeus

Eu sou um corpo

Um ser

Um corpo só

Tem cor, tem corte

E a história do meu lugar

Eu sou a minha própria embarcação

Sou minha própria sorte

E Je suis ici, ainda que não queiram não

Je suis ici, ainda que eu não queria mais

Je suis ici agora

Cada rua dessa cidade cinza sou eu

Olhares brancos me fitam

Há perigo nas esquinas

E eu falo mais de três línguas

E palavra amor, cadê?

Je suis ici, ainda que não queiram não

Je suis ici, ainda que eu não queira mais

Je suis ici, agora

Je suis ici

E a palavra amor, cadê?

Morando no sul do país conheci o que é um inverno mais rigoroso. A música *Inverno* me faz pensar nesses dias frios em que aguardamos ansiosos o momento de retornar para casa e nos aquecermos, mas também consigo pensar em relacionamentos pois essa é uma estação que me faz querer estar com amigos e a família, buscando meios de se aquecer, seja com um bom vinho, com um fogão a lenha, ou um abraço apertado.

A construção do arranjo dessa música foi realizado em conjunto com a Amanda Oliveira, a cada ensaio fomos ajustando os detalhes e buscando a nossa interpretação. Fizemos a gravação direta, então o que se ouve posso dizer que foi a performance naquele dia.

Inverno

(Letra Carlos Medeiros / Música Paola Kirst e Marcelo Vaz)

Os dias de hoje não têm tantas horas

Porque te demoras para chegar?

Eu posso pedir para o tempo

Eu posso esperar mais um pouco
Eu posso pedir para o tempo
Eu posso esperar mais um pouco
Mas os sonhos dos loucos também são bem loucos
E não nos revelam a hora que irão acabar
Tem lenha para o fogo
Tem fogo aceso
Tem vinho bem tinto e branco tem tantos
Tem ninho prontinho pra nos aquecer
É ninho, ninhada.
Não quero mais nada
Há telhas de barro se acaso chover
A sala tem flores, a casa te espera nas cores mais lindas é a casa que há.
Como a primavera A felicidade virá

Os músicos convidados para essa produção foram: Angelo Primon¹ (direção de estúdio), Gilberto Oliveira² (violão e guitarra), Tamires Duarte³ (contrabaixo), Andressa Ferreira⁴ (percussão), Amanda Oliveira⁵ (piano), Felipe Chambers⁶ (bateria).

1 Angelo Primon: Com 30 anos de carreira, o compositor, instrumentista e produtor portoalegrense Angelo Primon é Bacharel em Música Popular pela UFRGS.

2 Gilberto Oliveira: Guitarrista, violonista, baixista, compositor, arranjador e produtor, Músico e professor há 38 anos.

3 Tamiris Duarte: é contrabaixista, arranjadora e mestra em Performance Musical na Unicamp. Bacharel em Música com Habilitação em Música Popular pela UFRGS.

4 Andressa Ferreira: Percussionista, cantora, compositora, arte educadora social e agente cultural. Bacharel em Música Popular do Depto. de Música do Instituto de Artes da UFRGS em Porto Alegre - RS.

5 Amanda Oliveira: Pianista desde os 9 anos, compositora, arranjadora, professora. Graduanda em Música Popular UFRGS.

6 Felipe Chambers: É baterista desde os 5 anos, acompanhando sua avó que era cantora. É músico atuante na Igreja Batista Mont'Serrat em Porto Alegre. Integrante da Banda de música do Exército Brasileiro onde atua como baterista.

4 CAPÍTULO 3

4.1 PRÉ-PRODUÇÃO

O tema do trabalho foi escolhido no final do 2º semestre de 2018. Durante as férias me dediquei a conhecer o trabalho de compositoras e intérpretes e ler alguns textos que usaria para referenciar esse projeto.

Ao final do curso de bacharelado em música popular e tendo o trabalho de conclusão para ser feito, decidi que faria uma produção fonográfica.

Observando o mosaico musical que é minha vida, porque tenho vivência cantando sertanejo, rock, música erudita, acredito serem essas as diversas cores de uma mulher negra às quais me refiro. Procuo utilizar o conhecimento adquirido ao longo dos anos como intérprete, e para essa produção busquei músicas que estivessem dentro do contexto em que estou vivendo atualmente.

Busco compreender e conhecer mais sobre música popular com toda sua diversidade, nisso a universidade tem contribuído bastante para o meu crescimento musical, os estilos como samba, jazz, etc.. que não estavam no meu contexto musical chegaram para enriquecer ainda mais o meu trabalho como interprete. Além das disciplinas teóricas (MPB, Músicas Tradicionais do Brasil, História da Música), entre outras do currículo, a Prática Musical Coletiva é a disciplina em que nos deparamos com os mais variados contextos musicais, através da vivência com os colegas vindos das mais diversas vertentes musicais.

A maneira como as turmas são estruturadas favoreceu para esse crescimento, pois a cada semestre tínhamos uma turma diferente e cada integrante com vivências musicais variadas, favorecendo assim o meu crescimento musical. No IV semestre da disciplina de Prática Musical Coletiva trabalhamos com uma das músicas que compõe o repertório escolhido para essa produção, Vias de fato. Ao ouvir essa música gostei da temática, e por ser um samba quis aproveitar para aprender um pouco mais sobre como utilizar a voz para cantar esse gênero musical, quais os recursos vocais precisaria para fazer uma boa execução.

Gosto de músicas que trazem na sua estrutura musical e na composição da letra elementos que remetem ao meu cotidiano, me permitem reviver momentos da minha vida que foram especiais e através das quais consigo compreender o momento atual, que tem sido de muito aprendizado.

Analisando minha trajetória musical, minhas influências para este trabalho, decidi produzir um pouco da minha visão atual dentro da música. O curso me proporcionou um conhecimento mais abrangente através das vivências com colegas e professores com bagagens musicais muito variadas. Eu sempre estive aberta ao novo, pensando sempre no crescimento pessoal que essas convivências me proporcionariam, de maneira que posso encontrar dentro dos vários estilos uma mistura que me agrada.

Busco trazer para essa produção as novas influências adquiridas. Compreendi que posso combinar o que gosto com outros jeitos de fazer música, que não preciso continuar com um único padrão de música com referências européia, que as influências da música africana que eu sempre achei interessantes podem estar representadas na música que quero fazer.

No mês de março de 2019 escolhi quais músicas fariam parte desse projeto. No mês de abril defini qual seria a instrumentação para cada música e a estrutura delas. Essa definição foi feita pensando no tempo disponibilizado pela universidade no Estúdio Soma¹ para executar todo o projeto (40h). A partir dessa disponibilidade foi preciso pensar e estruturar os arranjos e o cronograma para conseguir realizar todo o trabalho de gravação, mixagem e masterização.

Em maio iniciei a cada 15 dias os ensaios com o Gilberto Oliveira das músicas Vias de Fato, Um Corpo No Mundo e Asas. No mês de junho realizei uma reunião com Angelo Primon para definir qual seria sua função nesse projeto, ficou definido que ele iria me auxiliar com a direção de estúdio. Nesse mesmo dia conversamos sobre quais seriam as melhores opções para o bom andamento das gravações, combinamos que iniciaríamos gravando as guias, a música Vias fato (violão e voz) e em seguida gravaríamos as guias das demais músicas. No mês de julho iniciei os ensaios e a construção do arranjo da música Inverno, que foi desenvolvido a cada encontro com a Amanda Oliveira.

4.2 O PROCESSO DE PRODUÇÃO

O processo de gravação do álbum inclui etapas de pré-produção, produção e pós-produção.

A pré-produção iniciou pela escolha das músicas e, a partir disso, a definição de como seriam a estrutura e os instrumentos para cada uma. O meu trabalho na definição dos arranjos inicia pela compreensão da linha melódica, a minha relação com o estudo da voz me

¹ As gravações foram realizadas no Estúdio Soma, estúdio licitado para as aulas práticas do Bacharelado em Música Popular da UFRGS.

proporciona uma melhor interação com esta e com os processos de colocação de voz em cada música. O processo para definição de como será cada instrumento é feito juntamente com cada músico, tendo em vista que minha experiência com o trabalho de arranjos está em formação. Desta forma, apresento referências de arranjos e busco detalhar para cada músico o que penso sobre cada música, para assim chegar ao resultado que pretendo dentro desse processo de construção do trabalho.

Entendo que o diálogo é extremamente importante para que sejam respeitadas minhas concepções sobre os arranjos, e para que meu protagonismo neste trabalho seja mantido.

Busco apresentar referências de trabalhos existentes que são importantes para mim, para tomar decisões sobre conduções melódicas e levadas de contrabaixo e percussão, por exemplo, assim como sobre resultados de mixagem. Desta forma, busco explicar melhor para cada músico que está colaborando comigo quais os elementos importantes para o desenvolvimento do trabalho.

As músicas escolhidas vêm de um processo de descobertas e de permissão pessoal para executar esses estilos com influências mais ou menos diretas das músicas e ritmos africanos. Através desse trabalho, pretendo dar continuidade a um processo de ocupação do lugar de representação da mulher negra e intérprete dentro da música brasileira.

O trabalho foi realizado com gravação das cinco músicas escolhidas com arranjos variados, onde terei formações com voz e violão, piano e voz, outra com contrabaixo, piano, guitarra e bateria. A percussão estará presente em três destas músicas.

1ª sessão de gravação – 31/07/19

Iniciamos o dia de gravação com a música Vias de fato (Douglas Germano, Edu Batata e Kiko Dinucci) que seria violão e voz. Realizamos uma gravação direta, gravamos três takes e escolhi a interpretação que considerei melhor para essa música. Logo em seguida gravamos as guias das músicas Um corpo no mundo, Asas e Crendice com violão e voz.

Figura 1. Violonista: Gilberto Oliveira. Foto: Angelo Primon.



Figura 2 - Voz: Eusenice Pereira. Foto: Angelo Primon



2ª sessão de gravação - 19/08/19

Após a gravação das guias, elas foram enviadas para os demais músicos e nesse dia a gravação foi exclusiva de bateria da música Crendice, com Felipe Chambers.

Figura 3 - Baterista: Felipe Chambers.



3ª sessão de gravação – 21/08/19

Nesse dia gravamos a percussão das três músicas, Um corpo no Mundo, Crendice e Asas, os instrumentos gravados foram Congas, Xequerê e Agogô.

Figura 4 - Técnico: Felipe Magrinelli. Percussionista: Andressa Ferreira. Foto: Angelo Primon.



Figura 5 - Percussionista: Andressa Ferreira. Foto: Angelo Primon



4ª sessão de gravação – 28/08/19

Gravação de violão nas músicas Um corpo no mundo, Crendice e Asas.

Figura 6 - Violonista: Gilberto Oliveira



5ª sessão de gravação – 18/09/19

Gravação da música “Inverno” com Amanda Oliveira.

Figura 7 - Pianista: Amanda Oliveira. Foto: Angelo Primon



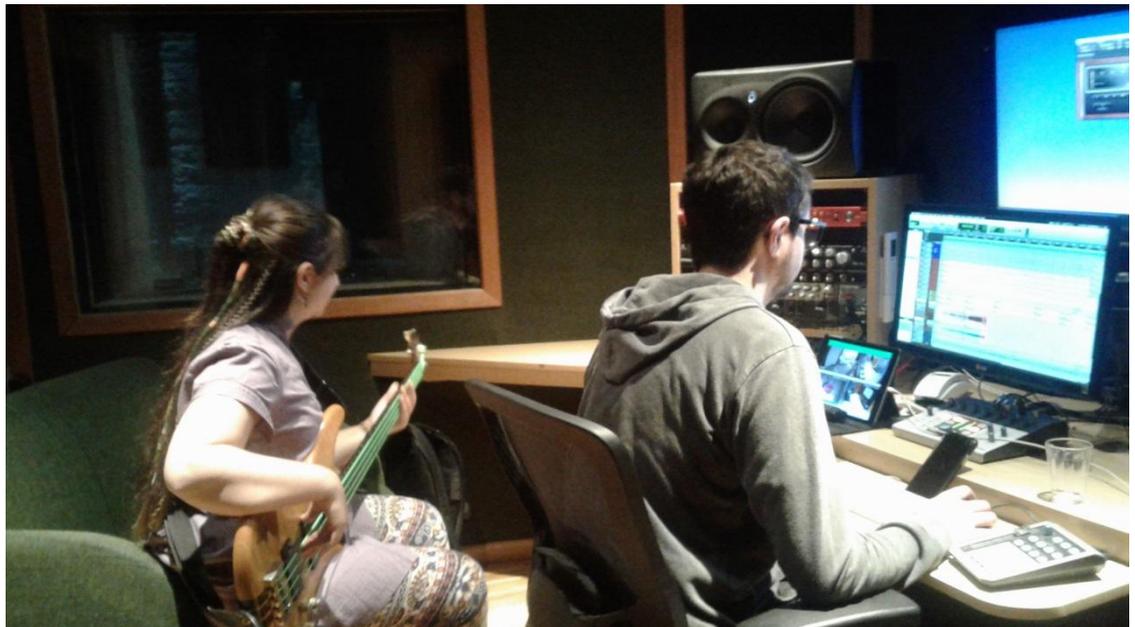
Figura 8 - Voz: Eusenice Pereira. Piano: Amanda Oliveira. Foto: Angelo Primon



6ª sessão de gravação – 19/9/19

Gravação de contrabaixo nas músicas " Crendice, Asas e Um Corpo no Mundo"

Figura 9 - Contrabaixista: Tamiris Duarte. Técnico: Cassiano Dalago. Foto: Eusenice Pereira.



7ª sessão de gravação – 25/09/19

Gravação de guitarra nas músicas “Um corpo no mundo”, “Crendice”, “Asas” e “Vias de Fato”.

Figura 10 - Técnico: Cristiano Ferreira e Guitarrista: Gilberto Oliveira. Foto: Estúdio Soma



8ª sessão de gravação – 01/10/19

Gravação de voz das músicas “Um corpo no mundo”, “Crendice” e “Asas”.

Figura 11 - Voz: Eusenice Pereira. Foto: Angelo Primon



9ª sessão – 02/10/19

Iniciamos as edições e mixagem.

Figura 12 - Técnico: Cristiano Ferreira. Foto: Angelo Primon.



10ª sessão – 03/10/19

Finalizamos a mixagem e realizamos a masterização nesse dia. Mal conseguia acreditar que de fato estava tudo finalizado. O profissionalismo do técnico Cristiano Ferreira e a parceria do também extremamente profissional Angelo Primon foram muito importantes para que a mixagem e masterização ficassem excelentes.

A cada sessão de gravação o sentimento existente era de alegria imensa e ansiedade exacerbada. A conclusão do curso de graduação em música tem sido um momento de relembrar a época em que cursar música era apenas um sonho e que cada dia que passava parecia estar cada vez mais distante da realização.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Intenso”, essa é a palavra que melhor define esse período de cinco anos vivido dentro da academia. A cada semestre surgia um novo desafio exigindo bastante trabalho e dedicação. Tive a oportunidade de rever meus conceitos como intérprete e hoje tenho mais recursos vocais, performáticos e teóricos de como pensar e fazer música.

Posso ressignificar e potencializar minha trajetória a partir desse entendimento. Compreendo que algumas disciplinas tiveram impacto direto nesse processo, e a disciplina de Prática Musical Coletiva com certeza foi a que mais me desafiou nesse papel de intérprete e também foi além, pois não bastava interpretar, era necessário pensar no arranjo, decidir junto com os colegas como seria para só então encontrar o meu espaço como intérprete.

A disciplina de harmonia elucidou às diversas possibilidades na construção dos arranjos, algo que até o momento era desconhecido para mim, porque normalmente as músicas já chegavam com arranjo definido e o meu papel era apenas interpretar. Agora me permito viajar através da música e pensar nas mais variadas formas de execução e só depois iniciar minha interpretação da música. A disciplina de Análise da Canção e Práticas Coletivas para o Canto Popular despertou em mim o desejo de conhecer mais sobre a ação performática do cantor. Agora penso que cada vez mais preciso buscar a junção das demais artes para o meu processo de “fazer música”.

Com a intenção de encontrar o melhor caminho dentro dessa infinidade de possibilidades que é fazer música, iniciei o trabalho de conclusão de curso. Posso considerar esse o primeiro passo de uma longa caminhada que tenho pela frente, e é fascinante escrever e viver todo esse processo. Durante a escrita os sentimentos foram os mais diversos, injustiça, raiva, gratidão, felicidade.

Durante as leituras compreendi as diversas situações que vivi até aqui e que muitas delas não foram por acaso mas estavam diretamente ligadas às questões raciais, e nesses momentos o sentimento era de muita raiva por perceber o quanto as injustiças em nosso país influenciam as diversas áreas da minha vida. Gratidão por ter a oportunidade de entender todas essas situações que um dia pareceram comuns e que na verdade nunca foram comuns. Felicidade, sim muito feliz por realizar o sonho, aprender melhor como fazer música.

Posso dizer que após essa vivência a mudança não será somente no meu fazer musical, mais a vida no contexto geral experienciou essa mudança que a universidade proporcionou. Assim, finalizo o curso com novas expectativas, nova visão de mundo.

6 FICHA TÉCNICA

Um corpo no mundo (Luedji Luna)

Voz: Eusenice Pereira

Percussão: Andressa Ferreira

Contrabaixo : Tamiris Duarte

Violão e guitarra : Gilberto Oliveira

Técnico de gravação : Felipe Magrinelli, Cassiano Dalago e Cristiano Ferreira.

Vias de fato (Douglas Germano, Edu Batata e Kiko Dinucci).

Voz: Eusenice Pereira

Violão e guitarra: Gilberto Oliveira

Técnico de gravação: Cristiano Ferreira.

Inverno (Letra Carlos Medeiros / música Paola Kirst e Marcelo Vaz).

Voz: Eusenice Pereira

Piano: Amanda Oliveira

Técnico de gravação : Felipe Magrinelli.

Crendice Letra: Paola Kirst / música: Paola Kirst e Dionísio Souza

Voz: Eusenice Pereira

Bateria: Luiz Felipe

Percussão: Andressa Ferreira

Violão: Gilberto Oliveira

Contrabaixo : Tamiris Duarte

Técnico de gravação: Felipe Magrinelli, Cristiano Ferreira.

Asas (Luedji Luna)

Voz: Eusenice Pereira

Percussão : Andressa Ferreira

Contrabaixo : Tamiris Duarte

Violão e guitarra : Gilberto Oliveira

Técnico: Felipe , Cassiano Dalago e Cristiano Ferreira.

Direção de estúdio: Angelo Primon

Mixagem e Masterização: Técnico Cristiano Ferreira, Eusenice Pereira e Angelo Primon.

Gravado, mixado e masterizado no Estúdio Soma entre os meses de julho a outubro de 2019.

REFERÊNCIAS

- BENTO, M. A. S. **Branqueamento e Branquetude no Brasil**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2002.
- BRANDES, I. T. **ENTRE VOZES VIAJANTES**: exploração vocal no Teatro Invisível de Meredith Monk. 2019. 148 p. Dissertação (Programa de Pós- Graduação em Música)— Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
- CARNEIRO, S. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 117 –133, dez 2003.
- KILOMBA, G. A Máscara. In: JESUS, J. O. de (Ed.). **Plantation Memories Episodes of Everyday Racism**. 2. ed. Auflage: Unrast Verlag, 2010. cap. 1, p. 172 – 180.
- NEGRI, R. de. Os 10 anos do programa que mudou a cara da universidade brasileira. Porto Alegre, out 2018. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/humanista/2018/10/20/10-anos-cotas-universidade/>. Acesso em: 24/11/19.
- RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 147 p.
- RIBEIRO, D.; CARNEIRO, S. **Lugar de Fala**. São Paulo: Polén, 2019. 112 p.
- SILVA, H. F. da. Definições sobre Branquitude. **Artigos e Reflexões**, nov 2011/10. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/definicoes-sobre-branquitude/>. Acesso em: 24/11/19.
- SUL, U. F. D. R. G. D. Ações Afirmativas. JAN 2019. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/acoesafirmativas/>. Acesso em: 24/11/19.